

A ñ
é ß

STARTER STORY · PORTUGUESE · B1

A Horta no Telhado

A Horta no Telhado

Quando a Inês se mudou para o prédio da Rua das Acácias, conhecia apenas o porteiro. O apartamento era pequeno, no último andar, mas tinha uma vantagem escondida: uma porta ao fundo do corredor que dava para o terraço do prédio. Era um espaço largo e vazio, cheio de sol, onde só havia estendais velhos e uma cadeira partida.

No primeiro domingo, a Inês subiu ao terraço com um livro e encontrou lá um senhor de chapéu de palha. Era o senhor Joaquim, do segundo esquerdo, que tinha sido jardineiro municipal durante quarenta anos. Estava a olhar para uns vasos vazios ao canto e parecia zangado com eles.

Conversaram um pouco, primeiro sobre o tempo, depois sobre plantas. O senhor Joaquim explicou que tinha tentado cultivar tomates no terraço no ano anterior, mas a água era um problema e o joelho dele era outro. A Inês confessou que nunca tinha plantado nada, nem salsa. Ele riu-se e disse que isso tinha remédio.

Começaram no sábado seguinte, com três vasos grandes que a Inês comprou. O senhor Joaquim trouxe sementes de alface e de coentros, guardadas em envelopes escritos à mão. Ensinou-lhe a preparar a terra, a semear sem pressa e a regar pouco de cada vez. A Inês ficou com as unhas pretas de terra e sentiu-se estranhamente orgulhosa.

As primeiras folhas verdes apareceram numa terça-feira de manhã. A Inês tirou uma fotografia e mandou-a à mãe, que respondeu com três pontos de exclamação. No terraço, o senhor Joaquim olhou para os rebentos e disse apenas que agora é que o trabalho começava.

Aos poucos, os outros vizinhos foram descobrindo a horta. A dona Amélia, do terceiro, apareceu com um alecrim que já não tinha lugar na varanda dela. O Tiago, um estudante do primeiro andar, ofereceu-se para carregar sacos de terra em troca de alfaces futuras. Até o porteiro subia às vezes, para dar opiniões que ninguém tinha pedido.

No fim de julho, o terraço já tinha doze vasos, duas floreiras compridas e um pequeno limoeiro num barril. Havia tomates verdes, ervas aromáticas e uma abóbora ambiciosa que crescia ao longo do muro. As tardes de rega tinham-se tornado o momento em que os vizinhos falavam uns com os outros. Antes, cumprimentavam-se apenas no elevador.

Foi então que chegou a carta da administração do condomínio. Um morador tinha-se queixado: o terraço era um espaço comum, as plantas podiam danificar o telhado e a água podia infiltrar-se. A questão seria discutida na reunião de setembro. Nessa noite, a Inês releu a carta três vezes e dormiu mal.

O senhor Joaquim recebeu a notícia com uma calma que a surpreendeu. Disse que em quarenta anos de jardins municipais tinha aprendido uma coisa: as plantas têm sempre mais paciência do que as pessoas. Se queriam manter a horta, precisavam de responder com factos e não com zangas. E foi isso que prepararam.

Durante duas semanas, mediram e fotografaram tudo. O Tiago pesquisou as regras sobre terraços e hortas urbanas e imprimiu exemplos de outros prédios da cidade. A dona Amélia falou com uma sobrinha engenheira, que veio ver o telhado e escreveu uma pequena declaração. A Inês organizou tudo numa pasta azul, com separadores.

A reunião foi numa quarta-feira à noite, na sala do rés-do-chão. O morador da queixa, um senhor sério do quarto andar, falou primeiro: tinha medo de infiltrações, porque já tinha visto um terraço arruinado noutro prédio. A Inês percebeu, com algum espanto, que ele não estava a ser mau. Estava apenas preocupado.

Depois o senhor Joaquim levantou-se, devagar, por causa do joelho. Explicou o peso dos vasos, o sistema de pratos para a água, a distância ao ralo do telhado. Mostrou as fotografias e a declaração da engenheira. No fim, tirou do saco um tomate maduro, pousou-o na mesa e disse que aquela era a única prova que interessava.

Houve risos, e a conversa mudou de tom. Decidiram em conjunto algumas regras: número máximo de vasos, horários de rega, uma vistoria ao telhado em cada primavera. O senhor do quarto andar votou a favor, com uma condição: queria aprender a cuidar do limoeiro. Confessou que em criança tinha vivido numa quinta e que ainda sonhava com o cheiro das folhas.

No sábado seguinte, ele apareceu no terraço com luvas novas, demasiado limpas. O senhor Joaquim entregou-lhe o regador como quem entrega uma chave. A Inês fingiu que não estava a sorrir. A abóbora, indiferente às reuniões, continuava a crescer ao longo do muro.

O outono chegou com chuva e com a primeira colheita a sério. Encheram dois cestos com tomates, alfaces, ervas e um único limão, pequeno e histórico. Decidiram fazer um almoço no terraço, numa mesa emprestada, com sopa feita pela dona Amélia e pão que o Tiago trouxe da padaria. Estiveram lá onze vizinhos. No inverno anterior, a Inês não conhecia nenhum.

Ao café, o senhor Joaquim contou histórias dos jardins da cidade, de árvores que tinha plantado e que hoje davam sombra a praças inteiras. Disse que uma horta não é só comida, é uma desculpa para as pessoas olharem umas pelas outras. Ninguém respondeu, porque não era preciso.

Quando todos desceram, a Inês ficou mais um pouco, a arrumar as cadeiras. A cidade fazia barulho lá em baixo, mas o terraço estava em paz. Ela olhou para os vasos alinhados, para o limoeiro no barril, para a cadeira partida que ninguém quis deitar fora. Pensou que se tinha mudado para um apartamento e afinal tinha ganho um prédio inteiro.

OQOU STARTER LIBRARY

This story is from oqou's free starter library, graded at B1 for Portuguese readers.

Read it interactively in the oqou app: tap any word for an instant translation, listen with natural narration, and carry your saved vocabulary into every story you read next.

oqou.app

[Download oqou on the App Store](#)

oqou •